

O (PRÉ) CONCEITO PERMEADO NAS NARRATIVAS: A NOMENCLATURA NA VIDA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

KETHLEN BOHM OLIVEIRA¹; RODRIGO DA SILVA VITAL²

¹Universidade Federal de Pelotas- kethlen.o.bohm@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- rodrigosvital@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve uma análise crítica acerca das nomenclaturas e sua relação, ou não, com o capacitismo no cotidiano da população brasileira. O intuito é problematizar os possíveis efeitos de nomes e expressões na (re)produção de estigmas sociais, sobretudo das pessoas com deficiência. Assim, as palavras-nomes foram identificadas e pensadas sob os sentidos possíveis, explícitos e não explícitos, comparando as narrativas ao refletir a sua relação com os preconceitos (o reforço ou a superação deles, pelo menos em tentativa).

A motivação para a pesquisa surgiu na disciplina de Educação Especial II, oferecida no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A partir das discussões desenvolvidas na disciplina, notou-se a necessidade de investigar os possíveis papéis da nomenclatura ou narrativas sobre a vida das pessoas com deficiência.

Por fim, a metodologia utilizada se inspirou na modalidade dos estudos de caso, considerando as reflexões que foram produzidas com essa disciplina e as atividades que foram propostas e desenvolvidas, com ela, pela discente no decorrer do semestre.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A partir dos estudos desenvolvidos no decorrer da disciplina supracitada, especialmente no que diz respeito às nomenclaturas, conceitos, normativas diagnósticas e classificatórias de pessoas com deficiência, buscou-se compreender, a partir dos trabalhos práticos e reflexivos, como os estigmas sociais presentes na nomenclatura ou narrativas significam ou interferem na vida dessas pessoas, focando, aqui, o contexto da inclusão escolar.

Sabe-se que, existem diversos tipos de preconceitos que permeiam a sociedade, entre eles está o capacitismo, configurado pela discriminação a pessoas com deficiência¹, as julgando incapazes ou inferiores. Segundo Perine, D'Aquino e Dani (2023), apesar de ser uma nomenclatura recente, sendo difundida no Brasil há apenas 10 anos, os preconceitos permeados por ela, possuem séculos de existência.

Ao começar-se a refletir sobre deficiência, é pertinente compreender que as condições físicas e/ou intelectuais não podem ser vistas como maiores do que o indivíduo como ser humano.

Como afirma Marchesan:

Ao refletirmos sobre a deficiência, observamos que ela não é uma propriedade ou característica, pois ela é um constructo social, é através do outro que o nomeia como deficiente que ele se identifica como

¹ Com deficiência entende-se aquelas com impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual e/ou sensorial, conforme específica a Lei Federal Nº 13.146/2015.

pessoa com deficiência. Aquele que apresenta alguma deficiência somente tem consciência de sua condição a partir da identificação do outro, por exemplo, uma pessoa que sempre foi cega, esse é o seu normal; se ela ficar assim para sempre, essa característica irá se fixar e constituir sua singularidade de sujeito, ou seja, ser cego é o seu normal, porém o outro é quem o identifica como pessoa com deficiência.

Nesse contexto, existem as características “invisíveis” da exclusão (aqueles que estão presentes, mas que nada ou pouco são percebidas no dia a dia), como a ausência de comunicação e sinalização na acessibilidade, a ausência/insuficiência de representatividade nos diferentes espaços, como os locais de ensino, o trabalho e a produção midiática, além da própria negligência e invisibilização/silenciamento das pessoas com deficiência, incluindo a naturalização do capacitismo.

Com isso, pode-se dizer que as características invisíveis da exclusão também envolvem o capacitismo que se dá com/nas palavras-nome, como as que serão apresentadas a seguir, nas frases que foram utilizadas na análise e discussão do presente trabalho, conforme a lista divulgada pela Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), a saber:

- “Deu uma de João-sem-braço”
- “Deu mancada”
- “Parece retardado”
- “Você é cego/ surdo/ mudo?”
- “Fingiu demência”
- “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”

Frases como essas, muitas vezes usadas despretensiosamente no cotidiano, (re)produzem o preconceito enraizado na sociedade, reforçando o estigma capacitista sobre a vida das pessoas com deficiência. Desse modo, discursar a deficiência como algo negativo, cômico ou inferior através das palavras-nome ou expressões ditas populares, contribui com a marginalização da deficiência em si, com isso, das pessoas com deficiência mediante a vida social.

Por exemplo, a expressão “deu mancada” sugere que o ato de mancar ou a pessoa que manca é um erro ou possui uma falha, sinalizando, discursivamente, que a dificuldade de locomoção deve ser estigmatizada. Já “fingiu demência” trata uma condição de vida, como a demência de Alzheimer e até a deficiência intelectual, como referências de mente incompleta ou inferior, desdenhando e desumanizando as pessoas que vivem essas condições.

Assim, quando a linguagem reforça a deficiência como algo negativo na vida social, ela compromete as pessoas com deficiência e sua inclusão, (re)produzindo as distorções moral e preconceituosa sobre as suas formas de ser/existir. A linguagem, portanto, não é neutra, ela (re)produz sentidos, e nesse caso, (re)produz a exclusão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, é notório como o capacitismo, em todas as suas vertentes (faladas e não-faladas) contribui para a inferiorização das pessoas com deficiência no cotidiano, dificultando o seu acolhimento e a sua sensação de pertencimento na nossa sociedade.

Portanto, é necessário, que junto ao exposto, comprehenda-se os efeitos das palavras-nome ou narrativas sobre a vida social, (re)considerando, sobretudo, as

práticas que estabelecem a equidade e a inclusão das populações que são vulnerabilizadas socialmente.

Aliado a isso, é inevitável que ressignificar as condições de deficiência como formas de existência, e não como limitação, é apenas um dos passos que são fundamentais à equidade e inclusão. Dessa forma, as práticas de letramentos sociais são elementos-chave para que se possa (re)produzir uma linguagem inclusiva e, com ela, a inclusão social da diversidade humana em seus múltiplos contextos. Para isso, é necessário iniciativas pedagógicas que oportunizem o devido protagonismo das pessoas com deficiência, contribuindo para que elas sejam vistas, ouvidas, respeitadas e incluídas, em sua totalidade, como sujeitos de direitos, principalmente.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AACD – Associação de Assistência à Criança Deficiente. **Cartilha ou código de conduta com expressões capacitistas e orientações sobre uso da linguagem.** São Paulo: AACD, 2021. Disponível em:
<https://www.anahp.com.br/saude-da-saude/capacitismo-termos-para-eliminar/>. Acesso em: 03 ago. 2025.

BRASIL. Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2015. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 03 ago. 2025.

LAZZARIN, Márcia Lise Lunardi; HERMES, Simoni Timm. Educação Especial como campo de saber e poder nas políticas de inclusão escolar. **Contrapontos**, Itajaí, v. 17, n. 2, p. 290-311, Ago. 2016. Disponível em:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/ctp/v17n2/1984-7114-ctp-17-02-00290.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

MARCHESAN, Andressa. Discurso sobre deficiência e a sua relação com os conceitos O normal e O anormal, de Georges Canguilhem. **Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**, v. 9, n. 1, Jul., 2018. Disponível em:
<https://core.ac.uk/download/pdf/230543299.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

PERINE, Giovana; D'AQUINO, Sabrina Brognoli; DANI, Liane. **O que é capacitismo e como podemos combatê-lo?** IFSC Verifica, 26 set. 2023. Jornalistas do IFSC. Disponível em:
<https://www.ifsc.edu.br/web/ifsc-verifica/w/o-que-e-capacitismo-e-como-podemos-combate-lo-#:~:text=Este%20termo%20%C3%A9%20recente%20no,s%C3%A3o%20capazes%20ou%20s%C3%A3o%20inferiores>. Acesso em: 1 ago. 2025.